



O HOMEM “À MARGEM DA HISTÓRIA” POR EUCLIDES DA CUNHA¹

Alexandre Pacheco *

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

nelsonfonseca4@hotmail.com

Adriana Conceição dos Santos da Silva **

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

adryriomar@hotmail.com

RESUMO: A leitura da obra *À Margem da História* desde sempre convidou-nos a pensar como Euclides da Cunha teria realizado a concepção de seu homem amazônico dentro de sua aventura em nossa grande planície brasileira, sobretudo em terras acreanas. Nessa direção, o estudo sobre a forma e o sentido da identidade do seringueiro, que passou a ser nosso objetivo, foi conduzido a partir da análise dos aspectos literários, científicos, políticos e estéticos que poderiam revelar quais seriam as similitudes coexistentes entre ele e outro tipo humano presente na obra de Euclides: o sertanejo. Dessa forma, pretendemos demonstrar neste trabalho que houve, por parte de Euclides da Cunha, um interesse em evidenciar o seringueiro amazônico, no início do século XX, como também em revelar um produto de seu encontro com o “deserto”, com o “distante”.

PALAVRAS-CHAVE: Seringueiro – Euclides da Cunha – Identidade

ABSTRACT: The reading of Euclides da Cunha's *À Margem da História* (On the margins of History) has always been an invitation for us to reflect on how the writer constructed the view of the Amazon man within his adventure in our great Brazilian plains, particularly in the state of Acre. In this study we explore the shape and meaning of the rubber-tapper's identity based on Da Cunha's work. Our analysis is based on literary, scientific, political and aesthetic aspects which may help reveal the similarities between the author and other co-existing human present in his work, the sertanejo or backcountry man. Thus, we intend to demonstrate in this paper that there was, based according to Euclides da Cunha, an evident

¹ Neste texto, pretendemos divulgar parte dos resultados da pesquisa que estamos realizando através de subprojeto de pesquisa intitulado “Euclides da Cunha e a genealogia da identidade do homem amazônico”, ligado ao projeto de pesquisa Arthur Cezar Reis, Leandro Tocantins e a modernização capitalista da Amazônia: História, Literatura e Poder (década de 60 do séc. XX), ambos estudos vinculados ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/UNIR/CNPq.

* Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista e Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Rondônia.

** Discente do curso de graduação em História da Universidade Federal de Rondônia e pesquisadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/UNIR/CNPq.

interest in the Amazon rubber tapper in the early twentieth century. Besides, we propose to reveal a result of the author's encounter with the "desert" with the "distant" place.

KEYWORDS: Rubber-tapper – Euclides da Cunha – Identity

A leitura da obra **À margem da história**² desde sempre convidou-nos a pensar como Euclides da Cunha teria realizado a concepção de seu homem amazônico dentro de sua aventura em nossa grande planície brasileira, sobretudo, em terras acreanas.³ Ideia sobre essa concepção surgiu após lermos autores como Ettore Finazzi-Agrò em seu ensaio *Geografias da Memória; A Literatura Brasileira entre História e Genealogia*,⁴ como também a partir do nosso contato com Euclides da Cunha e o paraíso perdido, de Leandro Tocantins, outra obra fundamental para o estudo da história e da cultura amazônicas.

Se o ensaio de Agrò fez com que tentássemos perceber quais as correspondências que o sertanejo em Os sertões possuiria com o seringueiro, em **À margem da história**, Leandro Tocantins nos revelou como essa busca poderia ser recompensada ao nos apontar como Euclides, em seus ensaios sobre a Amazônia, teria tido um encontro muito mais profundo com sua verdadeira personalidade. Personalidade essa que, ao se servir "[...] das próprias intuições e de um saber de experiências feito [...]",⁵ acertaria muito mais sua análise sobre a realidade brasileira em termos amazônicos.

² O livro **À margem da história** foi composto da seguinte forma: sete capítulos sobre a região amazônica reunidos em *Amazônia, terra sem fim*, três capítulos voltados a estudos americanos reunidos em *Vários Estudos*, do ensaio histórico denominado *Da Independência à República e, por fim, pela crônica Estrelas decifráveis*. O livro foi concluído em 1908 e publicado após sua morte em 1909. (Cf. CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. São Paulo: Martin Claret, 2006, p. 11-12.)

³ A partir do lançamento de **Os sertões**, Euclides foi eleito para a Academia Brasileira de Letras no ano de 1903. Nesse mesmo ano também foi eleito para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Em 1904 partiu para a Amazônia liderando a Comissão de Reconhecimento do Alto Purus. Essa experiência que durou entre os anos de 1904 e 1905 inspirou a concepção de uma nova obra que jamais iria concluir: **Um Paraíso Perdido**. Em 1908, concluiu seu livro **À margem da história** contendo vários escritos importantes sobre a Amazônia. (CUNHA, 2006, op. cit., p. 223-232.)

⁴ AGRÓ, Ettore Finazzi. *Geografias da Memória: A Literatura Brasileira entre História e Genealogia*. **Anos 90**: Revista do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n 12, p. 07-16, Dez. 1999.

⁵ TOCANTINS, Leandro. **Euclides da Cunha e o paraíso perdido**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1992, p. 14.

Assim, ao tomarmos ciência dessa percepção de Tocantins, passamos a procurar entender como este “saber de experiências feitas” teria atuado em uma suposta transferência de certos elementos existentes na construção genealógica do sertanejo em *Os sertões* e a concepção do seringueiro em seus ensaios amazônicos.

Nessa direção, o estudo sobre a forma e o sentido da identidade do seringueiro foi conduzido a partir da análise dos aspectos literários, científicos, políticos e estéticos que poderiam revelar quais seriam as similitudes coexistentes entre ele e o sertanejo. Este possuiria em sua concepção como tipo humano aquilo que Ettore Finazzi-Agrò conceituou como a estética da “presença de uma ausência”. Conceituação reveladora desse homem como alguém que ao viver no deserto do sertão, viveu sua existência – em termos de suas características físicas, estéticas e espirituais – desprovida dos elementos peculiares ao progresso dos homens que vivem nas sociedades ditas civilizadas. Sociedades, enfim, que foram acentuadamente cultuadas por intelectuais como Euclides da Cunha à época.

Dessa forma, pretendemos demonstrar neste trabalho que houve, por parte de Euclides da Cunha, um interesse em evidenciar o seringueiro amazônico, no início do século XX, como também em revelar um produto de seu encontro com o “deserto”, com o “distante”.⁶

Ao observar a Amazônia, o autor notou sua grandiosidade e ao mesmo tempo seu abandono, percebendo ali uma região esquecida pelo resto do país, ela e o homem que nela vivia.⁷ Esse é um aspecto que, efetivamente, nos leva a refletir também sobre a condição de vida dos migrantes, sobretudo nordestinos que chegaram à região nas últimas décadas do século XX e inícios do século XXI.

A CONSTRUÇÃO DO HOMEM AMAZÔNICO POR EUCLIDES DA CUNHA COMO PRODUTO DE UMA AUSÊNCIA

Euclides da Cunha em sua obra *Os sertões* criou a identidade do sertanejo a partir do pressuposto de que esse homem foi “[...] antes de tudo um forte”,⁸ pois viveu

⁶ AGRÓ, Ettore Finazzi. *Geografias da Memória: A Literatura Brasileira entre História e Genealogia. Anos 90*: Revista do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 12, p. 12, Dez. 1999.

⁷ CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. São Paulo: Martin Claret, 2006, p. 23.

⁸ Id. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1974, p. 101.

isolado do restante do Brasil, em meio as terríveis adversidades do deserto representado pelo sertão baiano.

Em se tratando, porém, da identidade que construiu para o seringueiro em **À margem da história**, procurou representá-la como produto de sua trágica vinda para a Amazônia como migrante sertanejo, como jagunço, que ao se transformar no “brabo” e depois no seringueiro, principalmente, nas paragens acreanas, selou seu destino como invariavelmente isolado dos modos de vida presentes no centro do país.⁹

Por essa concepção, Euclides da Cunha criou uma origem para esse homem ao mostrar, de um lado, sua sina como indissociável à sua chegada ao deserto amazônico e, de outro, ao partir da ideia de que portou um sentido histórico marginal à civilização já que, em sua avaliação, o seringueiro realizou na Amazônia uma anomalia sobre a qual sempre foi demasiado insistir: “[...] foi o homem que sempre trabalhou para escravizar-se”.¹⁰

Nesse sentido, concebeu o seringueiro como um lutador que conseguiu superar incontáveis dificuldades, já que como migrante (quase sempre originário do Ceará) veio para a Amazônia e se transformou em uma espécie de herói em busca de fortuna. Homem que pagou caro pelo que ansiou, numa interminável penitência causada por sua ambição que o condenou a terra.¹¹

Euclides da Cunha também viu o seringueiro como um tipo humano que gradativamente foi perdendo a consciência da cultura que possuiu em sua terra natal, ao relacioná-lo como pertencente a uma sociedade martirizada pela miséria. Ele veio para a Amazônia devido às grandes secas ocorridas no nordeste brasileiro e às precárias condições naturais desfavoráveis para uma vida digna.¹²

Ao observar esse percurso migratório, Euclides da Cunha percebeu que esses homens eram uns enjeitados e inteiramente abandonados, ao mesmo tempo em que alijados do processo de desenvolvimento econômico e social da nação que lhes poderia trazer melhores condições de vida e saúde:

Mandavam-nos para a Amazônia-vastíssima, despovoada, quase ignota o que equivalia a expatriá-los dentro da própria pátria. A

⁹ CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. São Paulo: Martin Claret, 2006, p. 29.

¹⁰ Ibid., p. 28.

¹¹ Ibid., p. 29-30; 70.

¹² Ibid., p. 28-49.

multidão martirizada, perdidos todos os diretos, rotos os laços de família, que se fracionava no tumulto dos embarques acelerados, partia para aquelas bandas levando uma carta de prego para o desconhecido; e ia, com os seus famintos, os seus febreiros e os seus variolosos, em condições de malignar e corromper as localidades mais salubres do mundo [...].¹³

Vejam, entretanto, as implicações constantes dessa concepção do homem amazônico à luz das discussões de Ettore Finazzi Agrò, para então percebermos as similitudes entre o seringueiro e a figura do sertanejo.

A leitura de Ettore Finazzi Agrò fez com que percebêssemos que Euclides da Cunha, ao criar a forma e o sentido do seringueiro amazônico, evitou concebê-lo a partir de uma suposta origem mitificada. Assim como fez para com seu sertanejo, realizou a inscrição do seringueiro no espaço construído como geograficamente histórico, demonstrando-o como um homem culturalmente não contemporâneo do Brasil no início do século XX.

Para Agrò, considerando-se **Os sertões**, é preciso estudar o homem de Euclides não a partir do tempo, mas do espaço que ele ocupou já que o lugar do início seria definido “[...] a partir da forma que ele assume e que o delimita e o institui [...]”.¹⁴

A inscrição do seringueiro no “distante”, como forma de se tentar apreender um começo para explicá-lo, no entanto, não seria passível de ser realizada sem o concurso do talento literário e científico de Euclides da Cunha. Esse aspecto foi percebido a partir de nossa análise do estudo que Leandro Tocantins faz nos anos de 1960 da obra do autor fluminense em trabalhos como *Entre os seringais*¹⁵ e **À margem da história**.

Em *Entre os seringais*, por exemplo, artigo que foi publicado na Revista *Kosmos*, no Rio de Janeiro, em inícios do século XX, já estavam presentes os traços

¹³ CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. São Paulo: Martin Claret, 2006, p. 49.

¹⁴ AGRÓ, Ettore Finazzi. *Geografias da Memória: A Literatura Brasileira entre História e Genealogia. Anos 90*: Revista do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 12, p. 7, Dez. 1999.

¹⁵ De acordo com Tocantins, Euclides da Cunha concebeu o artigo “Entre os seringais” após receber das mãos de Plácido de Castro o principal líder revolucionário libertador do Acre, algumas notas descritivas de como se dava a fundação e o funcionamento de um Seringal, em breve contato que ambos tiveram quando navegavam o rio Purus no vapor Rio Branco, em 1905. De posse delas, o escritor fluminense teria reconstruído a descrição de Plácido a partir de seu talento literário inconfundível e seu profundo senso analítico. (Cf. TOCANTINS, Leandro. **Euclides da Cunha e o paraíso perdido**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1992, p. 131-132.)

essenciais do que Tocantins percebeu como “típicas páginas euclidianas” e que antecipou muito da inteligibilidade e da veracidade praticadas pelo autor fluminense na concepção estética de seu seringueiro, em obras como **À margem da história**.¹⁶

Em *Entre os seringais*, de acordo com Tocantins, Euclides descreveu de forma magistral a abertura e a exploração de um seringal na região do rio Purus. Rica descrição dramática que muito deveu à sua esplêndida imaginação literária e a capacidade sociológica analítica¹⁷ para a demonstração de como a relação do homem com a natureza no seringal tratou de selar seu isolamento em meio ao longínquo representado por nossa Amazônia.

Nesse ambiente hostil, o nordestino migrante viu sua vida transformada irremediavelmente diante da diabólica geometria surgida pela divisão das diferentes porções de terras destinadas à exploração dos seringais. Essa geometria surgiu a partir de uma infinidade de estradas, verdadeira medida agrária que muito revelou sobre a capacidade das sociedades desenvolvidas em meios aos seringais em isolar e degradar os corpos já castigados, bem como os espíritos atormentados dos migrantes.¹⁸

De acordo com Tocantins, a força literária de **Entre os Seringais** cresceu à medida que Euclides da Cunha exortou metaforicamente a figura dos tentáculos de um polvo, para descrever as estradas contorcidas que envolviam os seringueiros (sobretudo cearenses).¹⁹ Essa imagem se apresentou para nós como o símbolo de um cruel monstro mitológico amazônico que ditaria os destinos daqueles que estivessem sob seus tentáculos.

Esse monstro mitológico faria os seringueiros, segundo Tocantins, passarem da ilusão do enriquecimento à apatia peculiar aos homens vencidos, imagem, enfim, “[...] monstruosa e expressiva da sociedade torturada que moureja [...]”²⁰ nos confins amazônicos.

Assim, trabalhos como **Entre os seringais** mostrou-nos como a concepção genealógica do seringueiro, a partir do espaço geográfico que inscreveu nele a

¹⁶ TOCANTINS, Leandro. **Euclides da Cunha e o paraíso perdido**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1992, p. 133.

¹⁷ Ibid., p. 133-134.

¹⁸ Ibid., p. 134.

¹⁹ Ibid.

²⁰ Ibid.

fisionomia do sofrimento e do atraso, esteve relacionada à capacidade de Euclides em mobilizar literariamente o que Tocantins chamou de estética libertadora de diferenciadas dimensões do humano frente a um ambiente inóspito como o seringal. Essa conseguiu ir fundo à substância dos elementos que comporiam os dramas dos homens, a partir de seu extraordinário senso analítico.²¹

Nesse sentido, percebemos o talento literário e o senso analítico científico em trabalhos como *Entre Seringais* que contribuíram para a construção de uma descrição genealógica expressivamente vívida para os seringueiros em sua situação de isolamento.

No entanto, se a composição literária e a visão científica de Euclides da Cunha se uniram para a construção de uma identidade para o seringueiro na Amazônia, outro aspecto da recepção de Tocantins que nos chamou a atenção foi sua anotação sobre a função social de denúncia presente nesta identidade e que entendemos contribuir em muito para o seu sentido estético. Esse é um aspecto que trataremos mais adiante neste artigo.

Por ora, voltemos à nossa análise comparativa.

Em *Os sertões*, a condição do sertanejo foi concebida de forma não menos poética e dramática, inteligível e verossímil.

Vejamos o que fala Agrò sobre o olhar de Euclides da Cunha sobre o homem do sertão:

O Sertanejo, nesse epos negativo, é o *monstrum*, fascinante e terrível, que ocupa um Centro medonho onde se manifesta e, ao mesmo tempo, se oculta o passado nacional: ele é o mito racionalizado da Origem, ele é o ser irracional que logicamente, como todo fundamento, “vai ao fundo e some” deixando no seu lugar apenas e sempre um vazio. Desse espaço que está no começo dos tempos, desse homem primordial que fica **À margem da história**, só um geógrafo disfarçado de cronista, só um autor épico mascarado de cientista, tenta recuperá-lo, justamente, como “figura”, isto é, como presença de uma ausência.²²

A partir de Finazzi-Agrò, podemos falar na construção do homem de Euclides da Cunha como uma figura, ou, em outras palavras, como a “presença de uma

²¹ TOCANTINS, Leandro. **Euclides da Cunha e o paraíso perdido**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1992, p. 132-133.

²² AGRÓ, Ettore Finazzi. Geografias da Memória: A Literatura Brasileira entre História e Genealogia. **Anos 90**: Revista do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 12, p. 12, Dez 1999.

ausência”,²³ pois Euclides ao retratar a vida do sertanejo frente ao processo de modernização do país, percebeu-o antes como reminiscência das formas de ser e de viver de homens rudes provindos de São Paulo. Eles rumaram para o interior nordestino e se misturaram aos indígenas que ali viviam desde tempos imemoriais. Lá ficaram “[...] divorciados do resto do Brasil e do mundo, murados a leste pela Serra Geral, tolhidos no ocidente pelos amplos campos gerais, que se desatam para o Piauí e que ainda hoje o sertanejo acredita sem fins”.²⁴

A essa situação de isolamento geográfico, por outro lado, somar-se-ia o isolamento que as formas de servidão – enquanto excrescências retrógradas de nossa nação – imporiam ao espírito dos sertanejos ao assumirem, por exemplo, a função de vaqueiros. Vejamos, neste sentido, as palavras do autor:

[...] o fazendeiro dos sertões vive no litoral, longe dos dilatados domínios que nunca viu, às vezes. Herdaram velho vício histórico. Como os opulentos sesmeiros da colônia, usufruem, parasitariamente, as rendas da sua terra, sem divisas fixas. Os vaqueiros são lhes servos submissos.²⁵

Por outro lado, o cenário montado na Amazônia para o seringueiro não seria menos opressivo diante da exploração do patrão seringalista, bem como as implicações que teria no tocante à construção de um sentido e de uma forma para ele enquanto tipo humano também forjado a partir de seu isolamento na floresta.

Na Amazônia, segundo Euclides da Cunha, o patrão transformou o migrante em seringueiro e o enviou para duras frentes de trabalhos na floresta. No momento de sua chegada, apesar de ser ainda um “brabo”, isto é, não ter aprendido a manusear o corte da seringueira, já era um endividado, pois havia sido obrigado a comprar seus mantimentos no barracão a preços exorbitantes e seguir solitário levando suas bagagens e seus mantimentos para seu posto de trabalho no meio da floresta. Nessa condição, contudo, ao final de todo um ano de trabalho, não conseguia saldar sua dívida. Continuava a ser um devedor e raramente conseguiria deixar essa terrível condição. Passando de “brabo” a “manso”, entretanto, o seringueiro ainda não seria capaz de

²³ AGRÓ, Ettore Finazzi. Geografias da Memória: A Literatura Brasileira entre História e Genealogia. **Anos 90**: Revista do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 12, p. 12, Dez. 1999.

²⁴ CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1974, p. 88-89.

²⁵ Ibid., p. 108.

saldar sua dívida e, portanto, não seria capaz de concretizar um sonhado enriquecimento que dificilmente poderia acontecer.²⁶

Vejamos o quadro pintado por Euclides neste sentido:

Aquele tipo de lutador é excepcional. [...] O homem de ordinário leva àqueles lugares a imprevidência característica da nossa raça; muitas vezes carrega a família, que lhe multiplica os encargos; e quase sempre adoece, mercê da incontinência generalizada.²⁷

Dessa forma, o patrão impunha ao seringueiro um contrato desastroso, onde os regulamentos eram dolorosos e expressivos, como o de não poder retirar-se antes de saldar as transações comerciais, além de só poder comprar no armazém do barracão. Esse regulamento fez com que o seringueiro fosse um estranho dentro de sua própria morada já que o patrão não o ligava a terra. Por conta disso, todos os benefícios feitos nas propriedades seriam perdidos no momento em que o seringueiro delas se retirasse. Assim, o morador não se apropriava da terra para o cultivo devido ao fato de que a qualquer momento poderia ser expulso sem direito a nada.²⁸

A descrição dessa sociedade que se desenvolveu nos seringais de forma anômala, e que isolou mentes e corpos, também deveu sua carga dramática à indignação que alimentou a escrita do autor em sua característica denunciatória. Isso foi passível de ser apreendido por nós através, novamente, do estudo de Leandro Tocantins, quando frisou a descrição que Euclides da Cunha fez da exploração do seringueiro pelo patrão em **À margem da história**, uma descrição de um escritor horrorizado com a organização social presente nos seringais. Essa descrição colocou à prova seus valores humanos e seus ideais políticos. Denunciou, por exemplo, que ele esteve à frente de uma das organizações do trabalho mais criminosas que o egoísmo humano poderia ter produzido.²⁹

A análise de Tocantins, enfim, só veio corroborar nossa tese sobre a similitude que a concepção do seringueiro em Euclides da Cunha possuiu com a de seu sertanejo

²⁶ CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. São Paulo: Martin Claret, 2006, p. 29-30.

²⁷ Ibid., p. 30.

²⁸ Ibid., p. 30-31.

²⁹ TOCANTINS, Leandro. **Euclides da Cunha e o paraíso perdido**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1992, p. 134.

em termos de homens “esquecidos” pela Pátria, em pleno final de século XIX e alvorecer do século XX.

Em **Os Sertões**, lança-se em defesa do homem esquecido do interior brasileiro, vítima das injustiças sociais e da apatia dos poderes públicos. Em **À Margem da História**, reaparece mais agressivo nessa luta a favor do seringueiro, aquele que se constitui como hóspede dentro dos seringais [...].³⁰

Mas a escrita que incorporou a indignação, alimentando a denúncia do escritor fluminense, foi também capaz de descrever sem disfarces e sem piedade a real condição humana dos migrantes nordestinos em sua chegada e posterior esquecimento nos seringais.

Daí Euclides da Cunha em **À margem da história** escrever sobre a viagem desses brasileiros para a Amazônia como uma multidão de martirizados, que após enfrentarem os tumultuados embarques, chegaram à região com suas bocas famintas, seus corpos febrêntos e variolosos “[...] em condições de malignar e corromper as regiões mais salubres do mundo. [...]” Vivendo numa mobilização expurgatória que eles jamais se curariam, pois os “[...] banidos levavam a missão dolorosíssima de desaparecem...”.³¹

Daí também percebermos como tais imagens reiteram o sentido histórico do seringueiro em **Entre os seringais**, como invariavelmente ligado a uma sociedade que teve suas tradições massacradas de forma dramática no momento de sua transplantação para a Amazônia. Essas tradições, enfim, também foram silenciadas pela solidão que esse tipo humano teve de enfrentar nos seringais, já que de acordo com Tocantins, ali o homem, ao ser desprovido do que poderia ter construído “[...] em anos de trabalho, pelo egoísmo e cobiça dos patrões, sucumbe ao ataque traiçoeiro das doenças. [...]” Homem, “[...] que faz parte da sociedade ‘que ali se agita no afogado das espessuras, esterilmente, sem destino, sem tradições, sem esperanças’”.³²

O estudo de Tocantins, por outro lado, fez-nos perceber como o seringueiro se constituiu em Euclides da Cunha mais do que a tradução de um tipo humano que teve suas características físicas e estéticas produzidas a partir de seu isolamento. Tocantins

³⁰ TOCANTINS, Leandro. **Euclides da Cunha e o paraíso perdido**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1992, p. 135.

³¹ CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. São Paulo: Martin Claret, 2006, p. 49.

³² TOCANTINS, 1992, op. cit., p. 135.

nos demonstrou como o escritor fluminense foi mais fundo e tentou penetrar na alma desse homem ao descrever os males que sua condição miserável e a restrição de sua liberdade imprimiram ao seu espírito, a partir das formas de organização de trabalho criminosas presentes nos seringais.

A partir disso, vemos, de acordo com Tocantins, que a força da denúncia encontrada em *Os sertões* se repetiu em seu discurso sobre a Amazônia, caráter que fundamentalmente marcou sua obra, qual seja, a representação do que é crucialmente humano nos tipos que retratou nessas duas regiões.³³

O poder de denúncia presente na forma como descreveu a condição de vida do seringueiro e, como mostramos acima, também do sertanejo, se aprofundou a partir do talento do autor em inscrever em seus corpos as marcas de uma identidade étnica e física que possuiria vantagens diante das formas como foi cindido nos confins da natureza.

Podemos notar isso em **Os sertões** quando Euclides da Cunha afirmou que o sertanejo, tendo recebido do selvagem sua capacidade de interagir com o meio físico (capacidade que acabou por enrijecer seu organismo, refletindo em sua índole e em seus costumes), teria ainda herdado das outras raças formadoras “[...] apenas aqueles atributos mais ajustáveis à sua fase social incipiente”.³⁴

Mas se em **Os sertões**, por um lado, é dada ao sertanejo uma constituição profundamente miscigenada que o habilita a enfrentar as maiores agruras do deserto, por outro, essa condição não seria suficiente para que ele pudesse suportar sua inserção nos modos de vida do processo civilizatório do centro do Brasil já que ainda que reagisse sobre ele “[...] o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. [...] E desde que desça sobre eles a sobrecarga intelectual e moral de uma civilização, o desequilíbrio é inevitável”.³⁵

Já em **À margem da história**, a denúncia da mesma sina de vantagens e desvantagens se apresentou na vida do migrante que concorreu para as paragens

³³ TOCANTINS, Leandro. **Euclides da Cunha e o paraíso perdido**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1992, p. 137.

³⁴ CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Rio de Janeiro: Ed. Edições de Ouro, 1974, p. 99.

³⁵ *Ibid.*, p. 96-98.

amazônicas. Ao mesmo tempo em que ele se aclimatou de forma surpreendente aos trópicos era, por outro lado, um imprevidente.

Nesse sentido, tratou Euclides da Cunha de mostrar, no capítulo intitulado Um clima caluniado de **À margem da história**, como o migrante sertanejo nordestino necessitou de muito pouco para empreender a colonização da Amazônia, na região do rio Purus, em comparação com as intenções colonizadoras dos europeus que sempre necessitaram dos aparatos surgidos no bojo da revolução industrial para colonizarem as regiões mais inóspitas do planeta. Tentativa de colonização, entretanto, que muito exigiu da fisiologia do homem europeu. Se observarmos os incomparáveis esforços das missões europeias para levar aos lugares distantes sua civilização do “centro” para o seio rude de territórios desumanos e para adaptar o estrangeiro ao meio, o que muitas vezes aconteceu foi o insucesso dos mais persistentes esforços nesse sentido.³⁶

Isso não ocorreu ao migrante sertanejo que se tornou apto a conviver nas regiões mais inóspitas da Amazônia. Segundo Euclides da Cunha, ao adentrar a região, percebeu que aquele lugar ainda estava por se formar, deparando-se com um estado social ainda em construção, pois não se conheceu na história “[...] exemplo mais golpeante de emigração tão anárquica, tão precipitada e tão violadora dos mais vulgares preceitos de aclimamento, quanto o da que desde 1879 até hoje atirou, em sucessivas levadas, as populações sertanejas do território entre a Paraíba e o Ceará [...]”.³⁷

Assim, ambas as figuras, sertanejo e seringueiro, foram representadas a partir dos aspectos denunciatórios presentes na escrita de Euclides da Cunha em termos das vantagens e desvantagens que as marcas de uma identidade étnica, física e espiritual possuíram diante da exploração dos fazendeiros, dos patrões e o convívio com uma natureza hostil que tiveram de enfrentar a partir de suas condições de esquecidos da Nação.

Por tudo o que falamos até aqui, sobre as figuras do seringueiro e do sertanejo na obra de Euclides da Cunha, como poderíamos resumir as similitudes que existiram entre eles?

Talvez resumir a partir da forma como o autor descreveu seus caracteres fisiológicos em termos de suas feições de mestiços que tentaram se acomodar à penosa

³⁶ CUNHA, Euclides da. **À margem da História**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2006, p. 45 – 49.

³⁷ Ibid., p. 48.

vida num ambiente hostil; na forma como também descreveu seus espíritos atormentados, desprovidos da intelectualidade e da moralidade exigidas pela civilização; na representação das resistências e dignidades resignadas; na representação de suas ações objetivas e ingênuas; em suas respectivas distâncias dos outros homens ditos civilizados do centro da Nação; e por fim, nos sofrimentos enfrentados de forma impassível no isolamento de regiões inóspitas.

Dessa forma, vemos que a genealogia da forma e do sentido da identidade do seringueiro amazônico em **À margem da história** nos mostrou como Euclides da Cunha também procurou representar esse homem como produto de uma ausência dos caracteres da civilização ocidental emergida no bojo da modernidade.

Ao compararmos o discurso que Euclides da Cunha procurou construir sobre o homem amazônico a partir dessa identidade em **À margem da história**, com o discurso que ele procurou construir a partir da forma e do sentido do sertanejo na obra *Os sertões*, percebemos que ambas as construções foram possíveis graças ao recurso metodológico que buscou a origem dos elementos constitutivos dessas identidades, naquilo que em sua antiguidade estariam inscritas na distância geográfica que tanto o Sertão, como a Amazônia possuíram naquele momento em relação ao Brasil. Ou seja, através da utilização do recurso metodológico que teve como percurso encontrar uma origem para essas identidades através de uma substituição da História pela Geografia, e dessa forma, ter percebido como o sentido delas se forjaram através de sua “presença” no longínquo.

Dessa forma, para concluirmos, Euclides da Cunha procurou representar a problemática da “ausência” de civilização nas duas obras ao tratar da “presença” de seus tipos humanos em meio ao deserto do Sertão e da Amazônia. Dessa forma, podemos afirmar que entre os anos de 1902 a 1909 a produção escrita de Euclides da Cunha foi simbolicamente representada por essa dualidade constitutiva desses dois tipos humanos, ou seja, de como foram simbolicamente descritos como sendo produtos de adaptação, ao mesmo tempo em que foram desprovidos dos elementos essenciais da civilização do centro.